

IAN RANKIN

BECO DOS MORTOS

Tradução
Álvaro Hattner



Copyright © 2004 by John Rebus Limited
Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Fleshmarket Close

Projeto gráfico
Alceu Chiesorin Nunes
Bruno Romão

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa
Dave Curtis / Trevillion Images

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Carmen T. S. Costa
Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rankin, Ian.
Beco dos mortos / Ian Rankin ; tradução Álvaro
Hattner. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2014.

Título original: Fleshmarket Close.
ISBN 978-85-359-2387-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa)
I. Título.

14-00219

CDD-823.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério :
Literatura inglesa

823.0872

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PRIMEIRO DIA
Segunda-feira

1.

“Eu não deveria estar aqui”, disse o detetive John Rebus. Não que alguém estivesse ouvindo.

Knoxland era um conjunto habitacional situado no lado oeste de Edimburgo, fora da área de Rebus. Ele estava lá porque o pessoal da West End andava desfalcado. Também estava lá porque seus próprios chefes não sabiam o que fazer com ele. Era uma tarde de segunda-feira chuvosa, e até agora o dia só tinha feito anunciar que o resto da semana de trabalho seria péssimo.

A antiga delegacia de Rebus, seu paraíso nos últimos oito anos ou mais, fora reestruturada. Como resultado, ela não tinha mais um escritório do Departamento de Investigações Criminais, o que significava que Rebus e seus colegas detetives estavam à deriva, sendo enviados para outras delegacias. Ele acabou indo para Gayfield Square, perto de Leith Walk: um lugar tranquilo, segundo alguns. Gayfield Square ficava na periferia da elegante Cidade Nova, mas por trás de suas fachadas dos séculos XVIII e XIX qualquer coisa poderia estar acontecendo sem que alguém do lado de fora soubesse. Certamente parecia bem longe de Knoxland, mais do que a distância real de cinco quilômetros. Era outra cultura, outro país.

Knoxland tinha sido construído na década de 1960, aparentemente com papel machê e pau-de-balsa. Suas paredes eram

tão finas que era possível ouvir os vizinhos cortando as unhas dos pés e sentir o cheiro do jantar deles no fogão. Manchas de umidade floresciam em suas paredes de concreto cinzento. Uma pichação havia transformado o lugar em “Hard Knox”. Outra aconselhava os “pakis”, imigrantes paquistaneses ou indianos, a ir embora com um sucinto “Saíam daqui”, enquanto um rabisco que provavelmente fora feito havia apenas uma hora, ou pouco mais, dizia: “Um a menos”.

As lojas que ainda existiam por lá tinham recorrido a grades metálicas nas janelas e portas, sem nem mesmo se preocupar em removê-las durante o horário de funcionamento. A própria área era contida, cercada por estradas de pista dupla que iam para norte e oeste. Os brilhantes empreiteiros tinham escavado passagens subterrâneas sob as estradas. Em seus projetos originais elas deviam ser áreas limpas e bem iluminadas onde os vizinhos paravam para falar sobre o tempo e sobre as cortinas novas na janela da casa de número 42. Na realidade, elas haviam se tornado áreas interditadas para todos, a não ser para imprudentes e suicidas, mesmo durante o dia. Rebus estava sempre vendo relatórios sobre roubos de bolsas e assaltos.

Foram, provavelmente, os mesmos empreiteiros brilhantes que tinham tido a ideia de batizar os diversos blocos de apartamentos com nomes de escritores escoceses, acrescidos da palavra “house”, o que servia apenas para enfatizar que não tinham nada a ver com casas de verdade.

Barrie House.

Stevenson House.

Scott House.

Burns House.

Atingindo o céu com toda a sutileza de um dedo levantado.

Rebus olhou à sua volta em busca de um lugar onde jogar seu copo descartável com café ainda pela metade. Havia parado em uma padaria da Gorgie Road, sabendo que quanto mais se afastasse do centro da cidade, menor a probabilidade de encontrar algo remotamente potável. Não foi uma boa escolha: o

café, que estava escaldante em um primeiro momento, tornou-se rapidamente morno, o que só serviu para destacar a falta de qualquer coisa parecida com sabor. Não havia latas de lixo ali perto; na verdade, não havia latas de lixo em lugar nenhum. As calçadas e faixas de grama, no entanto, se esforçavam para receber contribuições de todos, e assim Rebus também acrescentou seu lixo ao mosaico, depois endireitou o corpo e enfiou as mãos bem fundo nos bolsos do casaco. Ele conseguia ver sua própria respiração no ar.

“Os jornais vão fazer uma festa com isso”, resmungou alguém. Havia uma dúzia de figuras perambulando pela passarela coberta entre os dois blocos. O lugar cheirava levemente a urina, humana ou não. Muitos cães na vizinhança, um ou dois inclusive de coleira. Eles vinham farejar na entrada da passarela, até serem afugentados por um dos policiais uniformizados. Fitas para delimitar uma cena de crime bloqueavam ambos os lados da passagem. Crianças de bicicletas esticavam o pescoço para dar uma olhada. Fotógrafos da polícia recolhiam evidências, competindo por espaço com a equipe forense, vestida com macacões brancos, as cabeças cobertas. Uma van cinza e sem identificação estava estacionada ao lado dos carros de polícia na lamacenta área de recreação externa. O motorista se queixou a Rebus de que algumas crianças haviam exigido dinheiro dele para tomar conta do veículo.

“Malditos tubarões.”

Logo mais esse motorista iria levar o corpo para o necrotério, onde a autópsia seria realizada. Mas eles já sabiam que se tratava de homicídio. Múltiplos ferimentos à faca, inclusive um na garganta. A trilha de sangue mostrava que a vítima havia sido atacada a uns três, três metros e meio passagem adentro. Ele provavelmente tentou fugir, rastejando em direção à luz, o agressor dando mais estocadas enquanto ele vacilava e caía.

“Nada nos bolsos, exceto alguns trocados”, outro detetive estava dizendo. “Vamos torcer para que alguém saiba quem ele é...”

Rebus não sabia quem ele era, mas sabia o que ele era: um caso, uma estatística. Mais do que isso, era uma reportagem, e agora mesmo os jornalistas da cidade já a estariam farejando por toda parte, como uma matilha sentindo a presença de sua presa. Knoxland não era uma área popular. Tendia a atrair apenas os desesperados e aqueles sem nenhum tipo de opção. No passado, tinha sido usada como um local de despejo para inquilinos que a administração municipal achava difícil abrigar em outro lugar: os viciados e os desequilibrados. Mais recentemente, imigrantes tinham sido jogados em seus cantos mais úmidos, desagradáveis e menos acolhedores. Gente em busca de asilo, refugiados. Pessoas em quem ninguém queria pensar ou com quem ninguém queria ter que lidar. Olhando à sua volta, Rebus percebeu que os pobres coitados deviam se sentir como ratos em um labirinto. A diferença é que nos laboratórios havia poucos predadores, enquanto aqui, no mundo real, eles estavam em toda parte.

Eles andavam com facas. Iam de um lado para o outro à vontade. Mandavam nas ruas.

E agora tinham matado.

Outro carro se aproximou, uma figura emergiu dele. Rebus conhecia o rosto: Steve Holly, jornalista picareta de um tabloide de Glasgow. Afobado e muito acima do peso, o cabelo espetado cheio de gel. Antes de trancar o carro, Holly enfiou seu laptop debaixo do braço, pronto para levá-lo consigo. Sabia das coisas, esse Steve Holly. Ele acenou para Rebus.

“Tem alguma coisa pra mim?”

Rebus fez que não com a cabeça, e Holly começou a olhar ao redor em busca de fontes de informação mais adequadas. “Ouvi dizer que você tinha sido expulso de St. Leonard’s”, ele disse, como se quisesse puxar conversa, os olhos em todos os lugares, menos em Rebus. “Não me diga que eles despejaram você aqui!”

Rebus era inteligente o bastante para não responder à altura, mas Holly estava começando a se divertir. “Área de despejo

resume muito bem o que é este lugar. É a escola da vida, hein?” Holly começou a acender um cigarro, e Rebus sabia que ele estava pensando na história que iria escrever mais tarde: sonhando com trocadilhos e frases de filosofia barata.

“Ouvi falar que é um asiático”, disse o jornalista por fim, soprando a fumaça e oferecendo o maço a Rebus.

“Ainda não sabemos.” Rebus foi obrigado a admitir: suas palavras custaram o preço de um cigarro. Holly acendeu para ele. “Pele mais escura... Poderia ser de qualquer lugar.”

“De qualquer lugar menos da Escócia”, disse Holly com um sorriso. “Mas pode ser um crime racial, tem que ser. Era só uma questão de tempo até *nós* termos um.” Rebus sabia por que ele tinha enfatizado o “*nós*”: estava se referindo a Edimburgo. Glasgow tinha tido um assassinato por motivo racial, alguém que pediu asilo e tentou viver sua vida em uma das áreas problemáticas da cidade. Morto a facadas, assim como a vítima ali na frente deles, que, depois de revistada, analisada e fotografada, estava agora sendo colocada em um saco para cadáveres. Houve silêncio durante o procedimento: um momentâneo sinal de respeito dos profissionais que, em seguida, iriam prosseguir em seu trabalho de encontrar o assassino. O saco foi colocado em cima de um carrinho, depois passou sob o cordão de isolamento e ao lado de Rebus e Holly.

“É você que está no comando?”, Holly perguntou em voz baixa. Rebus fez que não com a cabeça novamente, observando o corpo ser posto dentro da van. “Me dá uma pista, então... Com quem eu falo?”

“Eu nem devia estar aqui”, disse Rebus, virando-se a fim de voltar para a relativa segurança de seu carro.

Eu sou uma das que tiveram sorte, pensava a sargento-detetive Siobhan Clarke, e com isso ela queria dizer que pelo menos havia recebido uma mesa. John Rebus — superior a ela na hierarquia — não tinha sido tão afortunado. Não que sorte, boa ou

má, tivesse alguma coisa a ver com isso. Ela sabia que Rebus via aquilo como um sinal do alto: não temos lugar para você, já é tempo de pensar em parar. Ele poderia estar recebendo pensão completa da polícia a esta altura — policiais mais jovens do que ele, com menos anos na força policial, estavam entregando os pontos e se preparando para a aposentadoria. Sabia exatamente qual era a mensagem que seus chefes queriam que ele recebesse. E Siobhan também sabia, tanto que lhe ofereceu sua própria mesa. Ele recusou, é claro, disse que não se importava de compartilhar qualquer outro espaço disponível, o que acabou significando uma mesa perto da copiadora, onde canecas, café e açúcar eram guardados. A chaleira ficava no parapeito de uma janela ao lado. Havia uma caixa de papel para a copiadora debaixo da mesa e uma cadeira com o encosto quebrado que rangia quando ele se sentava. Nada de telefone, nem mesmo uma tomada de parede para um. Nada de computador.

“Isso é temporário, claro”, havia explicado o inspetor-chefe James Macrae. “Não é fácil abrir espaço para mais gente...”

Ao que Rebus tinha respondido com um sorriso e um encolher de ombros, Siobhan percebendo que ele não se atrevia a falar: era como Rebus administrava sua raiva. Guardar tudo para mais tarde. As mesmas questões de espaço explicavam por que a mesa dela ficava junto da dos detetives comuns. Havia um escritório separado para os sargentos-detetives, que o compartilhavam com o auxiliar administrativo, mas lá não havia espaço para Siobhan ou Rebus. O inspetor-detetive, entretanto, possuía um pequeno escritório entre os dois. Ah, aí estava o problema: Gayfield já tinha um ID, não havia necessidade de outro. Seu nome era Derek Starr, e ele era alto, loiro e bonito. O problema era que ele sabia disso. Certa vez, convidou Siobhan para almoçar em seu clube. Chamava-se The Hallion, era uma caminhada de cinco minutos até lá. Ela não teve coragem de perguntar quanto custava para se tornar sócio. E ele havia levado Rebus também.

“Porque ele pode”, resumira Rebus. Starr estava em ascensão e queria que os dois recém-chegados soubessem disso.

A mesa de Siobhan era boa. Tinha um computador, que Rebus podia usar sempre que quisesse. E também um telefone. Do outro lado do corredor ficava a detetive Phyllida Hawes. Elas trabalharam juntas em alguns casos, embora estivessem em divisões diferentes. Siobhan era dez anos mais jovem que Hawes, mas estava acima dela na hierarquia. Até agora isso não fora problema, e Siobhan esperava que continuasse assim. Havia outro detetive na sala. Seu nome era Colin Tibbet: vinte e poucos anos, Siobhan achava, o que o tornava alguns anos mais jovem do que ela. Um belo sorriso que muitas vezes mostrava uma fila de dentes pequenos e arredondados. Hawes já havia acusado Siobhan de sentir alguma coisa por ele, expressando-se em termos engraçados, mas só isso.

“Não estou no negócio de sequestro de crianças”, Siobhan respondera.

“Então você gosta é de homens mais maduros?”, Hawes provocou, olhando na direção da copiadora.

“Não seja idiota”, Siobhan disse, sabendo que ela se referia a Rebus. No final de um caso meses antes, Siobhan se viu nos braços de Rebus, sendo beijada por ele. Ninguém soube, e eles nunca conversaram sobre o que aconteceu. No entanto, aquilo pairava sobre os dois sempre que estavam a sós. Bem... pairava sobre *ela* com certeza; nunca se podia dizer nada a respeito de John Rebus.

Phyllida Hawes, agora, estava se dirigindo para a fotocopiadora, perguntando onde o inspetor-detetive Rebus tinha ido parar.

“Foi chamado”, Siobhan respondeu. Era tudo o que ela sabia, mas o olhar de Hawes indicou que ela achava que Siobhan estava escondendo alguma coisa. Tibbet deu uma tossidinha.

“Um corpo foi encontrado em Knoxland. Acabou de aparecer no computador.” Ele bateu na tela como se confirmando aquilo. “Tomara que não seja uma guerra de territórios.”

Siobhan balançou a cabeça lentamente, concordando. Menos de um ano antes, uma quadrilha de traficantes tinha tentado se estabelecer à força na área, provocando uma série de esfaqueamentos, sequestros e represálias. Os recém-chegados eram da Irlanda do Norte, e havia rumores de que teriam conexões paramilitares. A maioria agora estava na cadeia.

“Não é problema nosso, é?”, Hawes dizia. “Uma das poucas coisas que temos a nosso favor aqui... Não há ocorrências como as de Knoxland na vizinhança.”

Isso era verdade. Gayfield Square cuidava principalmente de ocorrências do centro da cidade: ladrões e arruaceiros na Princes Street, bêbados de sábado à noite, arrombamentos na Cidade Nova.

“É meio como se fosse feriado para você, hein, Siobhan?”, Hawes acrescentou com um sorriso.

“St. Leonard’s teve seus bons dias”, Siobhan foi forçada a concordar. Na época em que a mudança foi anunciada, dizia-se que ela acabaria indo para o QG. Ela não soube como o boato havia começado, mas após uma semana, ou algo assim, parecia bem real. No entanto, logo depois a superintendente Gill Templer pediu para falar com ela, e de repente ela estava indo para Gayfield Square. Tentou não sentir aquilo como um golpe, mas é o que havia sido. A própria Templer, por outro lado, *foi* parar no QG. Outros foram espalhados por lugares distantes como Balerno e East Lothian, alguns poucos optando pela aposentadoria. Apenas Siobhan e Rebus seriam transferidos para Gayfield Square.

“E justamente quando estávamos pegando o jeito do trabalho”, reclamou Rebus, esvaziando o conteúdo das gavetas de sua mesa em uma caixa grande de papelão. “Ainda assim, veja o lado bom: vai poder dormir mais um pouco de manhã.”

Era verdade, o apartamento dela ficava a cinco minutos de caminhada. Nada mais de dirigir horas pelo centro da cidade. Era uma das poucas coisas boas em que conseguia pensar... talvez a única. Eles tinham sido uma equipe em St. Leonard’s, e

o edifício estava em um estado muito melhor do que esse feioso onde ficavam agora. A sala do DIC era maior e mais clara, e aqui havia um... Siobhan inspirou profundamente pelo nariz. Bem, havia um *cheiro*. Não conseguia identificar o que era. Não era o odor corporal nem o pacote de sanduíches de queijo e pickles que Tibbet trazia para o trabalho todos os dias. Parecia vir do próprio edifício. Certa manhã, sozinha na sala, chegou a aproximar o nariz das paredes e do piso, mas não parecia haver nenhuma fonte específica de cheiro. Houve até momentos em que ele desapareceu, apenas para reaparecer de maneira gradual. Os aquecedores? Um isolante? Ela havia desistido de tentar explicar aquilo, e não tinha dito nada a ninguém, nem mesmo a Rebus.

Seu telefone tocou e ela atendeu. “DIC”, disse no bocal.

“Aqui é da recepção. Estou com um casal que gostaria de dar uma palavrinha com a sargento-detetive Clarke.”

Siobhan franziu a testa. “Perguntaram especificamente por mim?”

“Isso mesmo.”

“Como eles se chamam?” Pegou um bloco de notas e uma caneta.

“Sr. e sra. Jardine. Pediram para lhe dizer que são de Banehall.”

Siobhan parou de escrever. Sabia quem eles eram. “Diga que já estou indo.” Ela desligou e pegou sua jaqueta no encosto da cadeira.

“Mais um desertor?”, disse Hawes. “Qualquer um iria pensar que a nossa companhia é indesejável, Col.” Ela piscou para Tibbet.

“Tenho visitas”, Siobhan explicou.

“Traga-os para cá”, Hawes convidou, abrindo os braços. “Quanto mais gente, melhor.”

“Vou ver”, disse Siobhan. Quando ela saiu da sala, Hawes estava batendo com força no botão da copiadora outra vez, enquanto Tibbet lia alguma coisa na tela de seu computador, os

lábios movendo-se silenciosamente. De jeito nenhum ela iria levar os Jardine para lá. Aquele cheiro de fundo, o mofo e a vista para o estacionamento... Os Jardine mereciam coisa melhor.

Eu também, ela não conseguiu deixar de pensar.

Fazia três anos que não os via. Eles não tinham envelhecido bem. John Jardine praticamente não tinha mais cabelo, e o pouco que restara estava salpicado de tons de cinza. Sua mulher, Alice, também mostrava um pouco de cinza no cabelo; ele estava preso atrás, fazendo seu rosto parecer grande e austero. Ela havia engordado um pouco, e dava a impressão de ter escolhido suas roupas ao acaso: saia longa de veludo marrom com meias azul-escuras e sapatos verdes; blusa xadrez e um casaco vermelho xadrez por cima. John Jardine havia se esforçado um pouco mais: terno, gravata e uma camisa que um dia tinha sido passada. Ele estendeu a mão para Siobhan.

“Sr. Jardine”, disse ela. “Pelo que vejo, ainda tem os gatos.” Ela tirou alguns pelos da lapela dele.

Ele deu uma risada curta e nervosa, afastando-se para o lado para que sua mulher se aproximasse e cumprimentasse Siobhan. Mas, em vez de cumprimentá-la, ela simplesmente segurou a mão de Siobhan nas suas. Seus olhos estavam avermelhados, e Siobhan sentiu que a mulher esperava que ela entendesse o que eles queriam dizer.

“Nos contaram que agora você é sargento”, disse John Jardine.

“Sargento-detetive, isso mesmo.” Siobhan ainda estava olhando nos olhos de Alice Jardine.

“Parabéns. Fomos primeiro até o seu antigo endereço, e eles nos disseram para vir aqui. Alguma coisa sobre o DIC estar sendo reestruturado...” Ele esfregava as mãos como se as estivesse lavando. Siobhan sabia que ele tinha quarenta e poucos anos, mas parecia dez anos mais velho, assim como sua mulher. Três anos atrás, Siobhan havia sugerido a eles uma terapia

familiar. Se seguiram o conselho dela, não tinha funcionado. Eles ainda estavam em choque, ainda atordoados e confusos, e de luto.

“Nós perdemos uma filha”, Alice Jardine disse em voz baixa, finalmente soltando a mão de Siobhan. “Não queremos perder outra... É por isso que precisamos da sua ajuda.”

Siobhan olhou da mulher para o marido e vice-versa. Sabia que o sargento da recepção os observava; sabia também da pintura descascada das paredes, das pichações e dos cartazes de “Procura-se”.

“Que tal um café?”, disse com um sorriso. “Há um lugar bem ali na esquina.”

E eles foram para lá. Um café que fazia as vezes de restaurante na hora do almoço. Um executivo sentado em uma das mesas ao lado da janela terminava uma refeição tardia enquanto falava em seu telefone celular e analisava uma papelada em sua maleta. Siobhan levou o casal até uma mesa não muito perto dos alto-falantes de parede. Era música instrumental, um fundo impessoal para preencher o silêncio. Parecia querer soar vagamente como música italiana. O garçom, no entanto, era cem por cento local.

“Alguma coisa pra comer?” Seu jeito de falar era monótono e anasalado, e havia uma mancha enorme de molho à bolonhesa na barriga de sua camisa branca de mangas curtas. Os braços eram grossos e exibiam tatuagens esmaecidas de cardos e cruzes de santo André.

“Só cafés”, disse Siobhan. “A menos que...?” Olhou para o casal sentado à sua frente, mas os dois fizeram que não com a cabeça. O garçom dirigiu-se para a máquina de café expresso, apenas para ser desviado por um executivo que também queria algo e que, obviamente, merecia um tipo de atendimento para o qual um pedido de três cafés não era páreo. Bem, não que Siobhan estivesse com uma grande pressa de voltar à sua mesa, embora não tivesse certeza se iria se divertir muito com a conversa que viria.

“Então, como estão as coisas com vocês?”, ela se sentiu levada a perguntar.

O casal se entreolhou antes de responder.

“Difíceis”, disse o sr. Jardine. “As coisas têm sido... difíceis.”

“É, eu sei bem disso.”

Alice Jardine se inclinou sobre a mesa. “Não é Tracy. Quero dizer, ainda sentimos falta dela...” Abaixou os olhos. “Claro que sim. Mas é com Ishbel que estamos preocupados.”

“Muito preocupados mesmo”, acrescentou o marido.

“Porque ela foi embora, entende? E não sabemos por que nem para onde.” A sra. Jardine explodiu em lágrimas. Siobhan olhou para o executivo, mas ele não prestava atenção em outra coisa que não sua própria existência. O garçom, no entanto, tinha parado ao lado da máquina de café expresso. Siobhan olhou furiosa para ele, esperando que entendesse a dica e se apressasse em lhes trazer o café. John Jardine tinha passado o braço em volta dos ombros de sua mulher, e foi isso que fez Siobhan voltar três anos, para uma cena quase idêntica: a casa com varanda no vilarejo de Banehall em West Lothian, e John Jardine confortando a esposa o melhor que podia. Era uma casa limpa e arrumada, um lugar de que seus proprietários podiam se orgulhar; eles tinham utilizado o sistema de primazia de aquisição para comprá-la do conselho municipal. Havia ali várias ruas com casas quase idênticas, mas podia-se dizer quais eram propriedade particular: portas e janelas novas, jardins aparados com cercas novas e portões de ferro forjado. Em determinado momento, Banehall havia prosperado com a mineração de carvão, mas fazia muito tempo que essa atividade tinha se encerrado, e com ela muito do espírito da cidade desapareceu. Ao passar de carro pela rua principal pela primeira vez, Siobhan tinha notado janelas cobertas por tábuas e placas de “Vende-se”; pessoas movendo-se lentamente sob o peso de sacolas, crianças perambulando em torno do memorial da guerra, brincando de dar chutes altos umas nas outras.

John Jardine trabalhava como motorista de entregas; Alice estava na linha de produção de uma fábrica de eletrônicos nos arredores de Livingston. Esforçando-se para conseguirem o sustento para si e duas filhas. Mas uma dessas filhas havia sido atacada certa noite em Edimburgo. Seu nome era Tracy. Ela estava bebendo e dançando com um grupo de amigos. No final da noite, eles se amontoaram em táxis para ir a uma festa. Tracy tinha ficado para trás e não conseguia se lembrar do endereço da festa enquanto esperava um táxi. Quando a bateria de seu celular acabou, ela voltou para dentro e pediu emprestado o telefone de um dos rapazes com quem havia dançado. Ele saiu com ela, começaram a andar juntos e ele lhe disse que a festa não era tão longe.

Começou a beijá-la, não aceitou um não como resposta. Deu tapas e murros nela, arrastou-a para um beco e a estuprou.

Tudo isso Siobhan já sabia quando fora até a casa em Banehall. Trabalhou no caso, conversou com a vítima e com os pais. Não tinha sido difícil encontrar o agressor: ele também era de Banehall, morava a apenas três ou quatro ruas dali, do outro lado da rua principal. Tracy o conhecia da escola. A defesa dele fora bem típica: tinha bebido muito, não conseguia se lembrar... e, de qualquer maneira, ela estava querendo. Estupro sempre era um processo difícil, mas, para alívio de Siobhan, Donald Cruikshank, conhecido por seus amigos como Donny, o rosto permanentemente marcado pelas unhas de sua vítima, fora considerado culpado e condenado a cinco anos.

Isso deveria ter encerrado o envolvimento de Siobhan com a família, só que algumas semanas depois do fim do julgamento chegou a notícia do suicídio de Tracy, sua vida terminando aos dezenove anos de idade. Uma overdose de comprimidos, encontrada em seu quarto por sua irmã, Ishbel, quatro anos mais nova do que ela.

Siobhan tinha visitado os pais, ciente de que nada que pudesse dizer mudaria alguma coisa, mas ainda assim sentindo a necessidade de dizer *alguma coisa*. Eles haviam sido abandonados não tanto pelo sistema, mas pela própria vida. A única coisa

que Siobhan não tinha feito — a única coisa que precisou se esforçar para não fazer — fora visitar Cruikshank na cadeia. Ela queria que ele sentisse sua raiva. Lembrou-se da maneira pela qual Tracy havia apresentado as evidências durante o julgamento, sua voz desaparecendo à medida que balbuciava as frases; sem olhar para ninguém, quase envergonhada de estar ali, recusando-se a tocar as evidências nos sacos plásticos: o vestido e a calcinha rasgados. Enxugando lágrimas silenciosas. O juiz havia sido favorável, o réu tentando não parecer envergonhado, desempenhando o papel de autêntica vítima: ferido, um grande pedaço de gaze cobrindo uma das maçãs do rosto; balançando a cabeça em sinal de descrença, levantando os olhos para o céu.

E mais tarde, com o veredicto já apresentado, o júri tinha tido permissão para ouvir sobre suas condenações anteriores: duas por assalto, uma por tentativa de estupro. Donny Cruikshank tinha dezenove anos.

“O desgraçado tem a vida inteira pela frente”, John Jardine dissera a Siobhan enquanto eles saíam do cemitério. Alice abraçava a filha sobrevivente. Ishbel chorava no ombro da mãe, Alice olhando para a frente, algo morrendo por trás de seus olhos...

Os cafés chegaram, trazendo Siobhan de volta ao presente. Ela esperou até que o garçom se afastasse para ir cuidar da conta do executivo.

“Então me contem o que aconteceu”, disse.

John Jardine despejou um sachê de açúcar em sua xícara e começou a mexer. “Ishbel terminou a escola no ano passado. Queríamos que ela fosse para a faculdade, ter algum tipo de qualificação. Mas ela estava decidida a ser cabeleireira.”

“É claro que a pessoa também precisa de uma qualificação para isso”, sua mulher interrompeu. “Ela vai à faculdade em Livingston, em meio período.”

Siobhan apenas concordou com a cabeça.

“Bem, ela ia antes de desaparecer”, declarou John Jardine calmamente.

“Quando foi isso?”

“Hoje faz uma semana.”

“Ela simplesmente sumiu?”

“Nós pensamos que ela tivesse ido trabalhar, como de costume — ela está no salão de beleza da Main Street. Mas eles telefonaram para saber se ela estava doente. Algumas roupas dela tinham desaparecido, o suficiente para encher uma mochila. Dinheiro, cartões, celular...”

“Tentamos ligar para ele inúmeras vezes”, a esposa acrescentou, “mas está sempre desligado.”

“Vocês falaram com mais alguém além de mim?”, perguntou Siobhan, levando a xícara aos lábios.

“Com todo mundo de quem conseguimos nos lembrar — seus amigos, colegas de escola antigos, as meninas com quem ela trabalhava.”

“Da faculdade?”

Alice Jardine assentiu. “Eles também não a viram.”

“Fomos à delegacia de polícia em Livingston”, disse John Jardine. Ele ainda estava mexendo o conteúdo de sua xícara, não mostrava nenhuma inclinação para beber. “Eles disseram que ela tem dezoito anos, por isso não está infringindo a lei. E como saiu com uma mochila, não foi sequestrada.”

“Infelizmente isso é verdade.” Havia mais coisas que Siobhan poderia ter acrescentado: que ela via pessoas fugindo o tempo todo e que, se morasse em Banehall, talvez também fugisse... “Não houve nenhuma briga em casa?”

O sr. Jardine fez que não com a cabeça. “Ela estava economizando para comprar um apartamento... Já tinha começado a fazer as listas de coisas que ia comprar para ele.”

“Algum namorado?”

“Houve um até uns meses atrás. A separação foi...” O sr. Jardine não conseguia encontrar a palavra que estava procurando. “Eles continuaram amigos.”

“Foi amigável?”, sugeriu Siobhan. Ele sorriu e acenou com a cabeça: ela havia encontrado a palavra para ele.

“Nós apenas queremos saber o que está acontecendo”, Alice Jardine disse.

“Claro que sim, e há pessoas que podem ajudar... agências que procuram pessoas que, como Ishbel, saíram de casa por algum motivo.” Siobhan percebeu aquelas palavras saindo com facilidade: já as dissera muitas vezes para pais preocupados. Alice olhava para o marido.

“Diga a ela o que Susie lhe contou”, disse.

Ele assentiu com a cabeça, finalmente depositando a colher de volta no pires. “Susie trabalha com Ishbel no salão. Ela disse que viu Ishbel entrar num carrão... Ela achou que poderia ser uma BMW ou algo assim.”

“Quando foi isso?”

“Aconteceu algumas vezes... O carro estava sempre estacionado um pouco mais abaixo na rua. Um sujeito mais velho na direção.” Fez uma pausa. “Bem, pelo menos da minha idade.”

“Será que Susie perguntou a Ishbel quem ele era?”

O sr. Jardine assentiu com a cabeça. “Mas Ishbel não disse.”

“Então talvez ela tenha ido ficar com esse amigo.” Siobhan tinha terminado seu café e não quis outro.

“Mas por que não nos dizer?”, perguntou Alice melancolicamente.

“Não sei se posso ajudá-los a responder isso.”

“Susie mencionou outra coisa”, disse John Jardine, baixando a voz ainda mais. “Ela disse que esse homem... ela nos disse que ele parecia um pouco estranho.”

“Estranho?”

“O que ela realmente disse foi que parecia um cafetão.” Ele olhou para Siobhan. “Como nos filmes e na TV: óculos escuros, jaqueta de couro... um carrão.”

“Não sei bem se isso nos leva a algum lugar”, disse Siobhan, imediatamente lamentando o uso do “nos”, que a amarrava à causa deles.

“Ishbel é muito bonita”, disse Alice. “Você sabe disso. Por que ela fugiria assim, sem nos dizer? Por que não nos contou

sobre esse homem?” Balançou a cabeça devagar. “Não, não, tem que haver mais alguma coisa.”

O silêncio caiu sobre a mesa por alguns instantes. O telefone do empresário estava tocando novamente enquanto o garçom abria a porta para ele. O garçom ainda fez uma pequena reverência: ou o homem era um cliente regular, ou uma boa gorjeta tinha mudado de mãos. Agora havia apenas três clientes no lugar, o que não era uma perspectiva das mais emocionantes.

“Não consigo ver nenhuma maneira de ajudá-los”, disse Siobhan para os Jardine. “Vocês sabem que eu o faria se pudesse...”

John Jardine segurou a mão da esposa. “Você foi muito boa para nós, Siobhan. Compreensiva e tudo mais. Nós lhe agradecemos por isso naquela época, e Ishbel também... Por isso pensamos em você.” Ele a fixou com olhos leitosos. “Nós já perdemos Tracy. Ishbel é tudo que nos resta.”

“Vejam bem...” Siobhan respirou fundo. “Talvez eu possa pôr o nome dela em circulação, para ver se ela aparece em algum lugar.”

O rosto dele suavizou-se. “Seria ótimo.”

“Ótimo é um exagero, mas vou fazer o que puder.” Ela viu que Alice Jardine estava prestes a pegar sua mão de novo, então começou a se levantar da mesa, olhando o relógio como se algum compromisso premente a aguardasse na delegacia. O garçom se aproximou, John Jardine insistiu em pagar. Quando eles finalmente saíram, o garçom havia sumido. Siobhan abriu a porta.

“Às vezes as pessoas só precisam de um pouco de tempo para si mesmas. Vocês têm certeza de que ela não estava com nenhum problema?”

Marido e mulher se entreolharam. Foi Alice quem falou. “Ele está livre, você sabe. Voltou para Banehall, um tremendo descarado. Talvez isso tenha algo a ver.”

“Quem?”

“Cruikshank. Três anos, isso foi tudo que ele cumpriu. Eu o

vi um dia quando eu estava fazendo compras. Tive que ir para uma rua lateral vomitar.”

“Falou com ele?”

“Eu nem cuspiria nele.”

Siobhan olhou para John Jardine, mas ele estava balançando a cabeça.

“Eu o mataria”, disse ele. “Se algum dia voltasse a encontrá-lo, eu teria que matá-lo.”

“Cuidado para quem diz isso, sr. Jardine.” Siobhan pensou por um momento. “Ishbel sabia? Sabia que ele estava livre, quero dizer.”

“A cidade inteira sabia. E sabe como é: cabeleireiros são os primeiros a saber das fofocas.”

Siobhan fez que sim com a cabeça lentamente. “Bem... como eu disse, vou dar alguns telefonemas. Uma foto de Ishbel pode ajudar.”

A sra. Jardine remexeu na bolsa e tirou de lá uma folha de papel dobrada. Era uma foto estourada em papel A4, impressa a partir de um computador. Ishbel em um sofá, uma bebida na mão, as bochechas rosadas pelo álcool.

“Essa ao lado dela é a Susie do salão”, disse Alice Jardine. “John tirou em uma festa que demos há três semanas. Era meu aniversário.”

Siobhan assentiu com a cabeça. Ishbel tinha mudado desde a última vez em que a vira: deixara o cabelo crescer e o tingira de loiro. Estava mais maquiada também, e com um rigor em torno dos olhos, apesar do sorriso. Um leve indício de papada começando a aparecer. O cabelo repartido no meio. Levou um segundo para Siobhan perceber quem ela lembrava. Era Tracy: o cabelo loiro comprido, repartido no meio, o delineador azul.

Ela se parecia com a irmã morta.

“Obrigada”, disse, colocando a foto no bolso. Siobhan perguntou se o número de telefone deles ainda era o mesmo. John Jardine assentiu. “Nós nos mudamos para uma rua muito próxima, nem foi preciso alterar o número.”

Claro que haviam se mudado. Como poderiam continuar morando naquela casa, a casa onde Tracy havia tomado a overdose? Ishbel tinha quinze anos quando encontrou o corpo sem vida. A irmã que ela adorava, idolatrava. Seu modelo de vida.

“Eu entro em contato com vocês”, disse Siobhan, virando as costas e se afastando.